

## **POESIA, CRIANÇA & ESCOLA** **leituras para um professor que quer ver**

**Christina Dias**  
**Marô Barbieri**

Há poesia por tudo. Essa é a verdade. O que precisa é ensaiar o olho para achar. E achar poema não é coisa que se aprende assim de forma distraída. É preciso treino e alguém que mostre, no início. Tem gente que nasce com a facilidade de encontrar poesia nas coisas. Outras precisam aprender a ver. É para este segundo grupo que falamos agora.

Mario Quintana, por exemplo, sabe que tem gente que nunca vai aprender.

### **A BORBOLETA**

**Cada vez que o poeta cria uma borboleta, o leitor exclama: “Olha uma borboleta!” O crítico ajusta os nasóculos e, ante aquele pedaço esvoaçante de vida, murmura: - Ah! sim, um lepidóptero...**

Dá um medo de não conseguir aprender. É bem verdade. Mas quando passa o medo, a coisa vai ficando fácil e precisa só uma olhadinha pra gente perceber que dali vai sair algo, se a cabeça e o coração da gente deixar. Esse medo passa se a gente encontra pela frente um bom leitor anterior. Um leitor que já passou pelo medo e viu como é bom pegar um poema com a mão e mostrar pra todo mundo. É aí que entra o professor. Tem gente que tem a sorte de ter um professor assim.

Hoje, a única porção de leitura que a maioria das pessoas tem, ainda mais de poesia, está na escola. Se o professor não levar poesia pra dentro da escola periga o sujeito nunca ver um só poema, um só texto literário. E aí a coisa complica. Claro que sempre há jeito. Mas, sem auxílio, o caminho é individual e, se a pessoa está sozinha, é mais difícil.

Então é na escola que a poesia deve aparecer. E lá ela pode passear a vontade, significando gestos e falas. O professor atento percebe na fala dos seus alunos pequenos ganchos para apresentar a rima, a brincadeira com repetições e invenção de palavras.

Aliás o que realmente precisa é de um professor leitor. Um que descubra a poesia escondida no dia a dia, que leia poemas. Porque se ele aprende a olhar com olhos de poesia, então ele muda o olhar sobre a palavra. E ajuda o aluno a mudar também.

A gente vai mostrar esse outro olhar.

Começando por José Paulo Paes, que nos faz este

## CONVITE

**Poesia  
é brincar com as palavras  
como se brinca  
com bola, papagaio, pião**

**Só que  
bola, papagaio, pião  
de tanto brincar  
se gastam**

**As palavras, não:  
quanto mais se brinca  
com elas  
mais novas ficam.**

**Como a água do rio  
que é água sempre nova.**

**Como cada dia  
que é sempre um novo dia.**

**Vamos brincar de poesia?**

Quem também brincou com as palavras e mostrou que a alegria, o saracoteio, o improvável fazem bons poemas foi Sylvia Orthof, no poema “A poesia é uma pulga”.

### **A POESIA É UMA PULGA**

**A poesia é uma pulga,  
coça, coça, me chateia,  
entrou por dentro da meia,  
saiu por fora da orelha,  
faz zumbido de abelha,  
mexe, mexe, não se cansa,  
nas palavras se balança,  
fala, fala e não se cala,  
a poesia é uma pulga,  
de pular não tem receio,  
adora pular na escola...**

**Só na hora do recreio!**

Em poesia, nada é impossível! Carlos Urbim que o diga.

### **BIBLIOTECA**

**Duas traças, irmãs  
Biblió e Teça**

**Na hora do almoço  
Com muito alvoroso  
Ouvem a voz  
Da mãe traça:  
Biblió, Teca!  
Venham almoçar  
Há guisadinho  
De papel  
Para traçar!**

Tem Maria Dinorah - meio simbolista - que sabe como ninguém usar as sonoridades.

### **PÁSSARO NO ESPAÇO**

**Piso num ponto  
e me ponho  
de pés em ponta  
Estou pronta.**

**Penso uma pauta  
e me pinto,  
pego um pente  
e me penteio**

**Paro no pulo  
e no prumo,  
nego o nervoso  
e me aprumo.**

**Pronto.  
Pisco,  
apresto o passo.**

**E na pausa  
dessa pose,  
sou um pássaro no espaço.**

E Tatiana Belinki, tão inusitada, tão musical, tão cheia de brincadeiras:

**O sapo levou toda a prole  
Para comer rocambolé  
É mole?**

Ou Sérgio Caparelli com seus sapos inventores, descobrindo sonoridades, rimas, cadências.

### **OS SAPOS INVENTORES**

**Eu sou o Sapo Inácio,  
inventor do saponáceo.**

**Sou a Sapa Tuca,  
inventei a sapituca.**

**Eu, a Sapa Tília,  
descobri a sapatilha.**

**Apresento-me: sapo Antão,  
criador do sapatão.**

**- E o sapo que aí está?**

**- Não sou sapo, sou sabiá,  
Ce sabia ou não sabiá?**

Ou falando ao mais fundo da emoção:

### **Excursão**

**o ônibus roncava na subida  
e como era difícil o amor de mariana,  
de blusa rala e jeans apertado!  
A viagem nem tinha começado  
e eu ali, em meio ao vozerio, cantava  
batendo nos bancos,  
e a professora pedia um pouco de silêncio  
pelo amor de deus, vou ficar surda,  
e a turma batucava e batucava  
e batucava no meu peito  
um coração pedindo estrada  
e tu, nem te ligo,  
conversavas com luisa, ajeitando uma rosa branca  
nos teus cabelos lisos,  
ô mariana, vê se me vê, pô, estou aqui,  
louco de você, e me calava,  
ouvindo o ônibus cheio de amor pela estrada  
que diante dele se torcia  
machucada.**

De invenção em invenção, chega o texto de Ricardo Silvestrin, sempre novo, que descobre como as coisas foram inventadas. Quer saber?

### **A INVENÇÃO DO PONTO DE INTERROGAÇÃO**

**A escrita  
já tinha sido inventada.  
Todas as letras,  
as sílabas, as palavras.  
Mas houve uma fase**

**em que escrever uma frase  
estava causando  
a maior confusão.  
Tudo porque ainda não existia  
O ponto de interrogação.  
Alguém escrevia  
por exemplo  
qualquer coisa besta  
como “Hoje você vai à festa”  
e recebia como resposta  
algo assim:  
“Você não manda em mim”.  
E logo tinha que esclarecer:  
“Sua anta, isso era só uma pergunta”.  
Pronto, virava uma briga  
só por causa do ponto.  
Até que alguém se deu conta  
que quem pergunta  
não apenas fala,  
mas também escuta.  
Então deu na sua telha  
de colocar sobre o ponto final  
o desenho de uma orelha.  
Já prestou atenção?  
Tem uma orelha  
no ponto de interrogação.**

Porque a poesia pergunta, desafia e quer provocar novos questionamentos. A leitura de um poema abre janelas para outros tantos poemas.

## **CONTAGEM**

**Você já contou estrelas?  
E nuvens? E passarinhos?**

**Já contou quantos dedinhos  
têm os pés da centopéia?**

**Já contou quantas histórias  
cabem dentro das idéias?**

**Já pensou quantas bestagens  
podem ser inteligentes?**

**Já contou quantos gemidos  
cabem numa dor de dente?**

**Já pensou quantas mentiras**

**escondem certa verdade?**

**Quantas grades e gaiolas  
trancam nossa liberdade?**

Quantas leituras mais são possíveis a partir do que nos ofereceu Sylvia Orthof!

O poema também vem para provocar a ambigüidade de sentido, para mostrar sua polissemia. Nesse jogo de interpretações, o sentido se constrói ao longo da leitura.

Exemplo disso é o poema COM PENA de Almir Correa.

### **POEMA COM PENA**

**Fiz um poema  
e não sei se vale a pena  
poemar.**

**É um poema com pena  
pena do céu  
pena da terra  
pena do mar.**

**Não tem mais pena de índio  
Porque índio já não se acha em nenhum lugar.**

**Mas ainda tem  
pena de arara azul  
pena de galinha sem cabeça  
pena de pato pateta.**

**Tem tanta pena  
pena até de travesseiro.**

**Só não tem pena nenhuma do burro  
porque burro não tem pena.**

Neste texto, centradas em uma palavra, idéias se multiplicam e se sobrepõem, oferecendo ao leitor espaço para preencher as lacunas deixadas pelo poema.

Neste exercício, o leitor vai se colocando e trazendo o que é seu para dentro da poesia e, assim, construindo a sua teia de sentidos. A teia o empurra para novas descobertas e o constrói como leitor. Assim, o sujeito que, inicialmente necessitou de um leitor prévio vai andando sozinho e se permitindo fazer leituras próprias. Nesse caminho a cabeça se abre e os limites se diluem.

Poetas como Mario Quintana (de novo e sempre) ajudam esta construção.

**FATOS CONSUMADOS**

**...e se eles te apertarem muito sobre o que quiseste dizer com um poema, pergunta-lhes apenas o que Deus quis dizer com este nosso mundo...**

### **COISAS NUMERADAS**

#### **I**

**Não esquecer que as nuvens  
estão improvisando sempre,  
mas a culpa é do vento.**

#### **II**

**Ah, essas esculturas de gaze  
do vento, sempre errantes  
entre o céu e a terra, como  
os sonhos do homem.**

#### **III**

**A voz do vento...Ninguém  
sabe o que o vento quer  
dizer...Quem me faz uma  
letra para a voz do vento?**

E onde entra a criança? Ora, ela está sempre lá, à disposição da poesia como qualquer cidadão/leitor. Criança é pronta para a desconstrução, pronta para enxergar todo um mundo que ela ainda não conhece. E qualquer idéia, forma ou proposta tem lugar nesse mundo.

Manoel de Barros sabe bem disso. No “**O livro das ignoranças**”, é definitivo quando fala:

#### **VII**

**No descomeço era o verbo.  
Só depois é que veio o delírio do verbo.  
O delírio do verbo estava no começo, lá  
onde a criança diz: *Eu escuto a cor dos  
passarinhos.*  
A criança não sabe que o verbo escutar não  
funciona para cor, mas para som.  
Então se a criança muda a função de um  
verbo, ele delira.  
E pois.  
Em poesia que é a voz do poeta, que é a voz  
de fazer nascimentos –  
o verbo tem que pegar delírio.**

É aqui que poesia, escola e criança se encontram. Porque para viver a POESIA, para viver a EDUCAÇÃO plena - do sujeito/educador e do sujeito/educando -, para

viver o universo da e com a CRIANÇA, para compreendê-la e com ela amar a VIDA, é preciso – como diz o poeta – delirar.

Deliremos, pois.

### **Referências bibliográficas conforme a ordem em que aparecem no texto.**

- QUINTANA, Mário. **SAPO AMARELO** – ilustrações de Orlando - Global Editora – SP – SP – p 40
- PAES, José Paulo. **POEMAS PARA BRINCAR** - ilustrações de Luiz Maia – Editora Ática – SP – 2004 – p 3
- ORTHOF, Sylvia. **A POESIA É UMA PULGA** – ilustrações de Zeflávio Teixeira – Atual Editora – BH – Minas Gerais – p 3
- URBIM, Carlos. **CADERNO DE TEMAS** – ilustrações de Leonardo Menna Barreto Gomes – Editora Mercado Aberto – Porto Alegre – RS – p 17
- DINORAH, Maria. **POESIA SAPECA** – ilustrações BIG - L&PM Editores – Porto Alegre – RS – 8ª edição – 1989 – p 14
- BELINKY, Tatiana.
- CAPARELLI, Sérgio. **BOI DA CARA PRETA** – ilustrado por CAULOS – L&PM Editores – Porto Alegre – RS – 12ª edição – p 34
- CAPARELLI, Sérgio. **RESTOS DE ARCO-ÍRIS**. L&PM Editores. Porto Alegre - RS.
- SILVESTRIN, Ricardo. **É TUDO INVENÇÃO** – ilustrações de Luiz Maia - Editora Ática – SP – 2003 – p 9
- ORTHOF, Sylvia. **A POESIA É UMA PULGA** – ilustrações de Zeflávio Teixeira – Atual Editora – BH – Minas Gerais – p 19
- CORREIA, Almir. **POEMAS MALANDRINHOS** – ilustrações de Zeflávio Teixeira – Atual Editora – SP – SP – 1992 – p 03
- QUINTANA, Mário. **SAPO AMARELO** – ilustrações de Orlando – Global Editora – SP – SP – 2006 – p 06 e 24
- BARROS, Manoel de. **O LIVRO DAS IGNORÂÇAS** – Editora Civilização Brasileira – SP – SP – 1994 – 2ª edição – p 17

